

# Trotsky e Breton

## Marguerite Bonnet

1975

---

Fonte: [The Marxists Internet Archive](#)

---

O LIVRO de Trotski sobre Lenine que as Presses Universitaires de France hoje publicam, foi editado pela primeira vez em França, na Librairie du Travail, na Primavera de 1925. Livro inacabado, segundo o próprio autor, que apenas o queria considerar como material para uma obra futura, em que parece ter pensado a partir daquela data <sup>(1)</sup> e cuja realização total o crime do México veio impedir <sup>(2)</sup>, ele não deixa, no entanto, ainda hoje, de ser «um dos retratos mais vivos, mais fascinantes, mais verdadeiros que temos de Lenine», como escreveu da Rússia Vitor Serge logo após a sua publicação em Paris <sup>(3)</sup>. Por outro lado, o destino singular que esta obra conheceu em França merece a nossa atenção: foi, com efeito, através dela, que se realizou a primeira junção dos dois nomes que, alguns anos mais tarde, a História viria a aproximar mais estreitamente ainda, os de André Breton e de Leão Trotski. Dois dos maiores, entre os poetas, entre os revolucionários; junção única, sem dúvida, que poderia levar a meditar, a sonhar longamente, para nosso maior reconforto, acerca das atracções inevitáveis e no que há de necessário em determinados encontros... Aqui, contentar-nos-emos, todavia, em descrever as circunstâncias em que André Breton descobriu através deste livro Trotski e Lenine, pois não os separa nunca no artigo que publicou sobre esta obra de Trotski, a 15 de Outubro de 1925, no nº 5 de La Révolution surréaliste. Este número reduzido de páginas desempenhou um papel considerável em todo o grupo surrealista. Encontrá-las-emos publicadas a seguir a esta nota <sup>(4)</sup>.

Até ao Verão de 1925, Breton e os seus amigos apenas tinham prestado aos problemas políticos do seu tempo uma atenção relativa, uma vez que a sua principal energia estava absorvida pela revolução poética que haviam empreendido. A revolução russa, que para os intelectuais reunidos ao redor da revista Clarté aparecia já como um acontecimento maior, ainda não os alertara:

«Foi preciso» escreve Breton em 1952, «que a policia intelectual estivesse vigilante em França para que estas ideias tivessem levado tanto tempo - quase oito anos - a chegar até nós! É impressionante que até 1925 a palavra Revolução, naquilo que para nós pode ter de exaltante, apenas invoque a Convenção e a Comuna do passado. Pelo modo como dela falámos então, notamos que somos mais sensíveis às inflexões que tomou na boca de um Saint-Just ou de um Robespierre do que ao seu conteúdo doutrinal. Isto não significa que a causa dos revolucionários de 93 ou 71 não seja considerada integralmente como nossa. A necessidade, a urgência duma transformação económica e social que ponha fim a um certo número de iniquidades gritantes jamais foi absorvida, até nela se dissolver pela reivindicação surrealista, por muito absoluta que tenha sido no início. Porém, neste momento, só levemente dirigimos a nossa atenção para os meios através dos quais essa transformação poderá operar-se». <sup>(5)</sup> \_

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Antes de 1925, a revolução russa não aparece nos textos dos surrealistas a não ser pela pena de Aragon, para quem ela é objecto de referências provocantes e depreciativas. Já em 1923 afirmara a propósito do bolchevismo: «Respeitável, mas um tanto curto»<sup>(6)</sup>. Um pouco mais tarde, verberando Anatole France no panfleto colectivo *Un cadavre*, ataca «Moscovo, a senil», onde a França gozava de um prestígio a seus olhos injustificável<sup>(7)</sup>. O insulto provoca uma viva polémica entre ele e os dois principais redactores da *Clarté*, Marcel Fourrier e Jean Bernier. Bernier, amigo pessoal de Aragon, considera a expressão, na sua crítica do «*Cadavre*» (*Clarté*, 15 de Novembro de 1924), como «uma irreflexão na realidade mais cómica do que odiosa». Aragon responde-lhe, a 25 de Novembro, com uma carta que a *Clarté* publica na sua edição de Dezembro, acompanhada por uma vigorosa reprimenda de Fourrier, para quem Aragon, apesar da sua oposição verbal à cultura burguesa, pertence ao campo dos «bem pensantes», e por uma precisão de Bernier, amigável e de tom moderado, posto que Aragon tenha agravado o seu caso escrevendo: «Quanto à revolução russa, não me impedireis de encolher os ombros. Á escala das ideias, trata-se quando muito de uma vaga crise ministerial (...) insisto em repetir na própria *Clarté* que os problemas postos pela existência humana não dependem da miserável e reduzida actividade revolucionária que se produziu no Oriente no decorrer destes últimos anos». A reacção da gente da *Clarté* leva Aragon a retomar a controvérsia no segundo número de *La Révolution surréaliste* (15 de Janeiro de 1925); cita a sua carta de 25 de Novembro e analisa os comentários que ela suscitou. Desta vez Fourrier é acusado de querer reduzir «às proporções de uma simples crise legal a causa ilimitada da revolução».

Seria errado emprestar a este incidente uma grande importância e ver nele, como alguns se sentiram tentados a fazê-lo, a prefiguração do drama que posteriormente eclodirá entre comunismo e surrealismo: na verdade, estes insultos não são devidos nem a uma reflexão séria sobre os factos, nem a uma preocupação muito profunda; sente-se isso no carácter vago e forçado das fórmulas. Estas, aliás, estão longe de arrastar a adesão dos outros surrealistas, cujo sentimento geral Breton definiu nos *Entretiens* :

«Aragon... deu a alguns de nós a impressão de que se espetava (...). Entre nós, até os espíritos mais alheios à política viam nisso uma «bravata» indefensável».

Mas em Janeiro, Breton contenta-se em manter o silêncio; o mesmo não sucede alguns meses mais tarde, quando nova escaramuça se desenrola entre Aragon e desta vez, Drieu La Rochelle. É que se verificaram acontecimentos importantes entre os surrealistas, desde o início até ao Verão de 1925: a guerra de Marrocos, que durava há já vários meses, provocou na Primavera, entre os meios intelectuais e artísticos, profundas convulsões. Em Junho, *Clarté* publica uma «Carta aberta aos intelectuais pacifistas, antigos combatentes, revoltados» no intuito de Ihes perguntar: «Que pensais da guerra de Marrocos?» e, a 15 de Julho, a revista aparece sob o título geral: «Contra a guerra de Marrocos. Contra o imperialismo francês»; em *hors-texte*, é publicado um apelo de Henri Barbusse «aos trabalhadores intelectuais. Sim ou não condenais a guerra?» Este apelo é assinado por numerosos intelectuais, escritores e artistas e pelo conjunto das redacções de *La Révolution surréaliste*, da *Clarté* e da *Philosophies*. Apreciando um pouco mais tarde esta tomada de posição, Breton escreveu: «A actividade surreallista perante este facto brutal, revoltante. impensável (a guerra de Marrocos) vai ser levada a interrogar-se sobre os seus próprios recursos e a determinar-lhe os limites; vai forçar-nos a adoptar uma atitude precisa, exterior a si própria, para continuar a fazer face àquilo que excede esses limites».<sup>(8)</sup> -

A partir daí esboça-se uma aproximação entre os comunistas da Clarté e os surrealistas; o signo dessa aproximação é o célebre manifesto A revolução primeiro e sempre. Elaborado em fins de Julho de 1925, editado em Agosto, com uma tiragem de quatro mil exemplares, o manifesto foi largamente difundido. Essa declaração, que Breton apreciará mais tarde e com razão como «ideologicamente bastante confusa»<sup>(9)</sup>, justapõe efectivamente preocupações de diversa ordem que dão lugar a acesas discussões e reflectem a variedade de orientações dos seus signatários. Ela não é de carácter estritamente político. Afirmando a necessidade de uma revolução total, situada para além do dominio político ou social, insurge-se contra o conjunto da civilização ocidental, exalta a necessidade «duma liberdade decalcada sobre (as) necessidades espirituais mais profundas, sobre as exigências mais estritas e os mais humanos (dos) desejos carnis». Contudo, «(o) amor da revolução» força todos os olhares a voltarem-se, desta vez francamente, para a Rússia, como é sublinhado no primeiro dos cinco pontos que determina o acordo firmado entre os diversos grupos:

«o magnifico exemplo de um desarmamento imediato, integral e sem contra-partida que foi dado por Lenine ao mundo, em Brest-Litovsk, em 1917, desarmamento cujo valor revolucionário é infinito, não nos parece que jamais possa ser seguido pela vossa França».

Não existem dúvidas de que A Revolução primeiro e sempre não significa ainda uma adesão do surrealismo ao comunismo. «É necessário mantermo-nos surrealistas e que não seja possível contarem-nos entre os comunistas», escreveu Éluard a Breton em Julho<sup>(10)</sup>. Deu-se todavia um passo decisivo, houve uma sensibilização, despertou-se um interesse profundo pelo que se passa além, no Leste. Em Agosto, Breton, em férias no Sul da França, leu o pequeno livro de Trotski sobre Lenine, o que constituiu para ele uma verdadeira revelação:

«É impossível negar que se a leitura desta obra me entusiasmou, foi sobretudo o seu lado sensível que me prendeu. Através de uma certa relação entre o humano e o sobrehumano, desprendia-se da própria personalidade de Lenine, tal como o autor a conhecera intimamente, algo de muito sedutor, que conferia também um enorme poder de atracção às ideias que professara...»<sup>(11)</sup> \_

Por esse motivo, não pôde aceitar o argumento de Aragon na discussão que opôs este último a Drieu La Rochelle a propósito de Lenine e, de um modo mais geral, a propósito de A Revolução primeiro e sempre. No número de Agosto de La Nouvelle Revue Française, Drieu publicara um longo artigo denominado: O verdadeiro erro dos surrealistas, no qual os censurava particularmente por terem tomado posição sobre um problema político, a guerra do Rif, ficando assim diminuídos a seus olhos, bem como pelo facto de terem «berrado»: «Viva Lenine!» A resposta de Aragon apareceu na mesma revista, em Setembro; nela podia ler-se:

«Não quero responder-te que não gritei: Viva Lenine! Berrá-lo-ei amanhã, uma vez que me proibem este grito, grito que, apesar de tudo, saúda o génio e o sacrifício de uma vida».

A frase alerta Breton o suficiente para que recuse que a atitude surrealista possa, neste ponto, ser levada para o plano do simples desafio, refutando-a e dessolidarizando-se dela no seu artigo sobre o livro de Trotski.

Impressionados pelo tom firme e resolutivo destas páginas, os seus amigos lêem também o livro sobre Lenine, sentindo-se imediatamente conquistados: «Este livro é um dos melhores que jamais li», escreve Éluard <sup>(12)</sup>.

A partir de agora está ultrapassada uma etapa decisiva; já não se trata de manter as distâncias frente ao comunismo, mas, ao contrário, de nos aproximarmos dele; torna-se mais estreita a colaboração com a equipa de Clarté, a ponto de, cerca do fim de 1925, os dois grupos pensarem na publicação de uma revista comum, com o título voluntariamente agressivo de *La guerre civile*. O fracasso deste projecto em nada contrariou o movimento iniciado, nem o impediu de continuar. Porém, os surrealistas enveredaram por um caminho árduo, marcado, em 1927, pela adesão ao Partido Comunista - de breve duração para muitos - de Aragon, Breton, Éluard, Péret e Unik, e definitivamente encerrado em 1935 por uma ruptura total. <sup>(13)</sup> A história dos seus conflitos com o Partido é longa e complicada pela diversidade dos caminhos e das atitudes individuais; não é aqui o lugar próprio para os descrever. Lembraremos apenas que Breton se recusou sempre a sacrificar a exigência surrealista ao dogmatismo e à estreiteza de vistas da direcção comunista, e que, no que lhe dizia respeito, nunca renunciou a manter estreitamente ligadas as suas aspirações poéticas e a sua vontade de transformação social:

«Transformar o mundo», disse Marx, «mudar a vida», disse Rimbaud: para nós, estas duas palavras de ordem são apenas uma». <sup>(14)</sup>

Se é conveniente sublinhar o papel de acontecimento-motor desempenhado pelo presente livro na evolução geral, cuja marcha está ainda hoje longe de ter parado, e no prolongamento da qual se vêm inscrever os diversos momentos de uma reflexão e de uma acção sempre actuais, deveremos assinalar igualmente que a relação Breton-Trotsky não se encontra reduzida a ele. Em 1929, ano em que Trotsky foi exilado, Breton preocupa-se com o seu destino e, no Segundo Manifesto, afirma estar de acordo com as posições defendidas pelo autor de *Literatura e Revolução* sobre os problemas da cultura e da arte proletárias. Em 1934, um panfleto do grupo surrealista, *La Planete sans visa*, que adoptou o título do último capítulo da autobiografia de Trotsky, *Ma vie*, manifesta-se contra a sua expulsão do território francês e declara:

«Nós, que estamos longe de partilhar todas as suas concepções actuais, sentímo-nos, por isso mesmo, mais livres para nos associarmos a todos os protestos até agora feitos contra a medida de que foi alvo. (...) Saudamos, nesta nova etapa do seu difícil caminho, o velho companheiro de Lenine. signatário da paz de Brest-Litovsk, acto exemplar de ciência e de intuição revolucionárias, o organizador do Exército Vermelho, que permitiu ao proletariado conservar o poder apesar da coligação do mundo capitalista levantada contra ele, o autor, entre outras obras não menos lúcidas, não menos nobres, não menos brilhantes, dessa fórmula que constitui para nós uma razão permanente de viver e de agir: O socialismo significará um salto do reino da necessidade para o reino da liberdade, também no sentido de que o homem actual, cheio de contradições e sem harmonia, abrirá o caminho a uma nova raça mais feliz».

Na luta em duas frentes que, até ao fim da sua vida, Breton não deixou de empreender contra o mundo capitalista e contra a monstruosa caricatura do socialismo apresentada pela U.R.S.S. e pelo comunismo oficial, o seu caminho cruzou-se muitas vezes com o de Trotsky. Na altura dos processos de Moscovo, em 1936 e em 1937, foi ele um dos primeiros a estigmatizar com a mais intransigente firmeza e o maior vigor o que ele considera «uma abjecta manobra policial» <sup>(15)</sup>, «a mais formidável negação da justiça de

todos os tempos» <sup>(16)</sup>, a denunciar Estaline como «o grande negador e o principal inimigo da revolução proletária (...), o principal falsário actual (...) e (...) o mais imperdoável dos assassinos) <sup>(17)</sup>. Embora os processos o levem a considerar com todas as reservas a manutenção

da palavra de ordem de Trotski: «Defesa da U.R.S.S. », os seus amigos e ele próprio não deixam, mesmo assim, de prestar uma homenagem vibrante «à personalidade de Leão Trotski, que se encontra muito acima de qualquer suspeita (...) ».

«Saudamos este homem que, abstraindo das opiniões ocasionais não infalíveis que foi levado a formular, foi para nós um guia intelectual e moral de primeira ordem e cuja vida, agora ameaçada, é para nós tão preciosa como a nossa própria». <sup>(18)</sup> -

A vida vai permitir a Breton encontrar este homem no decorrer de uma viagem ao México, em 1938 <sup>(19)</sup>. O manifesto Por uma arte revolucionária independente, extremamente belo e denso, fruto da colaboração de ambos, derivou da confrontação das ideias que professavam acerca dos problemas da arte e da revolução, embora, por razões de oportunidade, tenha sido publicado assinado por Breton e pelo pintor Diego Rivera <sup>(20)</sup>; este manifesto levou os artistas a constituir a Federação Internacional da Arte Revolucionária e Independente (F.I.A.R.I.), oposta à Assembleia dos Escritores e Artistas Revolucionários (A.E.A.R.), de obediência estalinista, instrumento dócil de propagação do dogma do realismo socialista. Ele afirma a recusa irredutível de sujeitar a criação intelectual a qualquer fim que lhe seja estranho, recusa que deriva da precisa consciência das leis que a regem e de uma concepção muito elevada não só da revolução como da arte; é impossível dirigir de fora o laboratório interior onde nasce obscuramente a obra de arte, mas toda a obra digna desse nome traz dentro de si qual «eixo invisível) <sup>(21)</sup>, uma contestação do real tal como se nos apresenta, toda a obra de arte digna desse nome é libertadora:

«A necessidade de emancipação do espírito tem apenas de seguir o seu curso natural para ser levada a fundir-se e a retemperar-se ", esta necessidade primordial: a necessidade de emancipação do homem.»

Desde o seu regresso a França, Bréton organiza a secção francesa da F.I.A.R.I., bem como o seu boletim Clé. Porém, a guerra vem pôr fim ao empreendimento.

Muito embora, nos anos que se seguem, Breton fosse levado a interrogar-se sobre o marxismo e, em certos planos, a afastar-se dele - o problema é demasiado complexo para que possamos tentar abordá-lo aqui -, a sua veneração e admiração pela figura de Trotski permanecem intactas. Entre outros testemunhos <sup>(22)</sup>, bastará lembrar aqui o carácter imediato da sua aceitação quando, por ocasião da morte de Natália Sedova, lhe pedimos para usar da palavra no funeral, apesar de, por natureza, não ser muito dotado para esta espécie de discursos; tratava-se, contudo, ao saudar a admirável companheira de Leão Trotski, de prestar simultaneamente homenagem ao grande revolucionário, tombado no México sob os golpes de estaline, o que as circunstâncias tinham tornado impossível na Europa. A homenagem prestada por Breton esteve à altura de tal intenção, no que se refere à poesia como no que se refere à revolução:

«A morte daqueles que, utilizando uma expressão singularmente enganadora, se dizem materialistas embora apenas tenham vivido através do espírito e do coração, essa morte é ainda a que melhor se pode esconjurar. Entre estes dois impérios, o da vida e o outro, podemos olhar para uma no man's land (terra de ninguém), onde germinam as ideias, as

emoções e as condutas que mais honram a condição humana. Sem que para isso seja necessária qualquer oração, a união das cinzas de Natália Sedova às de Trotski (...) assegura mais uma Vez o renascimento da Fénix, simultaneamente sob o aspecto da revolução e sob o aspecto do amor. (...)

Por tudo quanto nos liga a ela, é consolador, é apesar de tudo quase uma felicidade que tenha vivido o bastante para ver denunciar, por aqueles mesmos que lhe recolheram a herança, o banditismo estaliniano, que utilizou contra a sua pessoa os piores requintes de crueldade. Ela pôde saber que o processo evolutivo impôs finalmente uma revisão radical da história revolucionária destes quarenta últimos anos, história cinicamente alterada, e que no final deste processo irreversível se faria não apenas justiça a Trotski como seriam também enaltecidas com todo o vigor e com toda a amplitude as ideias por que deu a vida». <sup>(23)</sup>

É uma verdade que, em 1925, no momento do seu primeiro encontro com o comunismo e com Lenine e Trotski, Breton vê apenas estas ideias, estes ideais, de uma maneira imperfeita. Foi uma corrente de simpatia essencialmente afectiva que o impeliu para a revolução russa e para estes homens.

«E como poderia ser de outro modo?» - observa <sup>(24)</sup>. «eu avançava então às apalpadelas; a reconsideração que exigia do problema, para me poder fazer ouvir à minha volta, não podia apoiar-se em argumentos sentimentais e, aliás, nenhum de nós tinha sentido ainda a necessidade de ultrapassar os rudimentos do marxismo.»

Breton ignorava nesta altura quais eram, em 1925, as verdadeiras condições existentes na Rússia, as modificações e a degradação que já se tinham verificado no Partido Bolchevique e na Internacional, instaurando por todo o lado, como se de leis se tratasse, o monolitismo e a estreiteza de pensamento. A sua apreciação - e é o que lhe dá todo o valor - é a consequência de um choque puramente subjectivo. Não estava informado acerca das circunstâncias, de per si extraordinariamente elucidativas, em que Trotski escreveu este livro.

Trata-se já, com efeito, de um livro de exílio, pelo menos de um exílio interior. Desde as primeiras semanas de 1923, as divergências, os conflitos que, nos momentos cruciais da luta pelo poder como durante os anos terríveis que se seguiram à sua conquista, opuseram a Trotski ao triunvirato Zinoviev, Estaline e Kamenev, cristalizaram-se em ataques concertados contra a sua pessoa no seio do bureau político; a doença afastou dele Lenine, e uma grave recaída verificada no mês de Março impede-o definitivamente de toda a actividade. No entanto Trotski, que persiste em esperar pela sua cura, talvez demasiado seguro dos meios de que dispõe e da sua popularidade, desdenha de, no XII Congresso do Partido (Abril de 1923), se servir das armas de que dispõe contra Estaline (em particular das notas de Lenine criticando asperamente a política de Estaline na Geórgia) e dedica-se antes do mais a intervir nas questões de política económica que lhe parecem capitais para o futuro da U.R.S.S.. Recusa-se, neste domínio, a esconder com as cores claras de um optimismo encomendado uma situação que ele reputa extremamente grave, pois julga dever ao Partido e às massas a revelação da verdade, por muito dura que seja; mas é este próprio rigor que vai provocar imensa inquietação, ferir muitas susceptibilidades e provocar muitos descontentamentos, e facilitar também a campanha de descrédito empreendida contra ele a partir desse momento. Nada fazendo para afastar Estaline do cargo de secretário-geral, deixou a este todos os trunfos que, no decorrer de 1923, lhe vão permitir tornar-se pouco a pouco o chefe todo-poderoso do aparelho. Embora na sua carta de 8 de Outubro de 1923, dirigida ao Comité Central,

reclame um abrandamento da disciplina de carácter militar imposta pela guerra civil, a fim de favorecer o regresso a uma verdadeira vida no domínio das ideias e de sanear a situação no seio do Partido, a partir do mês de Novembro é impedido pela doença de intervir directamente nas discussões que então se travaram com uma violência extrema acerca deste problema e que o triunvirato tentou controlar, quer por sanções disciplinares, quer tomando a iniciativa das críticas e das reivindicações dos opositores, tendo em vista uma mera denúncia verbal da burocracia.

Foi contra esta manha e estes segundos sentidos que Trotski avisou o Partido, primeiro de um modo um tanto ou quanto velado, nos artigos do Pravda, denunciando os vícios da burocracia: um respeito imobilizador da tradição, a elevação da obediência ao grau de virtude suprema, o medo de qualquer espírito de independência, a repetição mecânica de fórmulas convencionais, o gosto da mentira edificante:

«A tradição», afirma, «não é uma regra imutável ou um manual oficial; não pode ser nem aprendida de cor, nem aceite como um evangelho; não se pode acreditar em tudo quanto diz a velha geração baseados simplesmente na sua palavra de honra. Ao contrário, a tradição deve, por assim dizer, ser reconquistada por um trabalho interior, deve ser estudada e aprofundada num espírito crítico e, assim, assimilada. De outro modo, todo o edifício estaria a ser construído sobre areia.»

«(...) Que a autoridade dos antigos não apague a personalidade dos jovens e (...) não os aterrorize (...) Todo o homem habituado apenas a responder sim é um zero»

«(...) O heroísmo supremo na arte militar e na revolução é feito de amor pela verdade e de sentido da responsabilidade».

A 8 de Dezembro, precisa a sua posição numa carta aberta às assembleias do Partido, que finaliza com o seguinte apelo:

«Não à obediência passiva, não ao nivelamento mecânico por parte das autoridades, não ao esmagamento da personalidade, não ao servilismo e ao carreirismo. Um bolchevique não é apenas um homem disciplinado: é um homem que, em cada caso e sobre cada problema, forja sozinho a sua própria opinião, defendendo-a corajosamente e em toda a independência, não apenas contra os seus inimigos, mas também no interior do seu próprio Partido.»

O triunvirato contra-ataca imediatamente com uma saraivada de acusações: Trotski é culpado de deslealdade ao qualificar de burocrático o regime do Partido; fá-lo por ódio ao aparelho, por desprezo pela «Velha Guarda» e, espicaçado por um individualismo e uma ambição desenfreada, reclama direitos para as bases; pretende destruir a unidade do Partido, no seio do qual se manteve como um estranho; na realidade, nada tem de um bolchevique.

Este ataque venenoso e grosseiro <sup>(25)</sup> é lançado numa altura em que Trotski, fisicamente esgotado, tem de abandonar Moscovo e o seu Inverno rigoroso, a 18 de Janeiro de 1924, por ordem dos médicos, para se ir tratar nas margens do Mar Negro. É no decorrer desta viagem, quando de uma paragem em Tiflis, que tem conhecimento da morte de Lenine <sup>(26)</sup>. A notícia «cai na (sua) consciência com um impacto terrível, como um rochedo gigante caindo ao mar.». Redige uma breve mensagem em que a dor e a ansiedade são patentes em cada linha, tanto nas dúvidas acumuladas como num apelo a uma maior vigilância geral e ainda na afirmação de uma confiança absoluta nos destinos do Partido,



através da qual parece pretender, tal como já o fizera no discurso de 5 de Abril de 1923, esconjurar a escalada de perigos que conhece demasiado bem:

«Como avançaremos a partir de agora? Com o facho do leninismo na mão. - Encontraremos o caminho? Sim, através do pensamento colectivo, através da vontade colectiva do Partido, encontrá-lo-emos!»

Enganado por Estaline quanto à data das exéquias, não pode assistir a elas, e esta ausência, alimentando os rumores que os seus inimigos se empenham em espalhar, serve da melhor forma os desígnios do secretário-geral. Enquanto que, auxiliado por Zinoviev e Kamenev, aquele se prepara para uma ofensiva decisiva desencadeada contra Trotski no decorrer do XIII Congresso, em Maio, este, no seu refúgio de Sukhum, no Cáucaso, recupera lentamente e consagra as férias forçadas a escrever a parte essencial deste livro. Agrupa as suas recordações de Lenine à volta de dois momentos essenciais: o seu primeiro encontro em Londres, no Outono de 1902 (Lenine e o velho «Iskra», datado de Março de 1924), e o seu combate comum à cabeça da revolução (Ao redor de Outubro). Esta segunda parte tem uma dimensão maior, compreendendo oito capítulos: seis são consagrados às lutas de 1917-1918; um sétimo faz reviver Lenine na tribuna; o oitavo, o filisteu e o revolucionário, refuta o retrato que Wells traçou de Lenine, não porque este testemunho de incompreensão e de vaidade seja em si muito importante, mas porque, segundo Trotski, desvenda claramente «a alma secreta», o espírito limitado dos dirigentes do partido operário inglês. O segundo conjunto é terminado a 6 de Abril; a 21, Trotski redige o prefácio. Junta ao livro quatro textos anteriores consagrados a Lenine: dois discursos de 1918 e de 1923 (Lenine ferido, Lenine doente), um artigo de 1920 (Lenine como modelo nacional) e finalmente a mensagem de Tiflis. O livro enriqueceu-se, no Outono, com dois novos capítulos: Verdades e mentiras sobre Lenine (28 de Setembro), apreciação crítica do retrato que Gorki fez de Lenine, e As Crianças e Lenine (30 de Setembro), consagrado a textos infantis sobre o dirigente revolucionário já então desaparecido.

Na data em que surge em França a tradução da obra. «o facho do leninismo», abafado pelo sistema burocrático, já só brilha tenuemente sobre a U.R.S.S.. Mas os intelectuais que, com todo o entusiasmo, apoiam o comunismo, juntamente com Breton e devido ao livro de Trotski, ignoram-no. Não estão ainda informados da luta furiosa que se travou e trava na Rússia - cuja ferocidade ninguém poderia então prever - a fim de abater um pensamento e um homem em quem a revolução tinha tão manifestamente encontrado o seu rosto que o ódio da burguesia o escolheu. assim como a Lenine, para incarnar tudo aquilo que a fez tremer de medo; para nos convencermos deste facto bastará lançar um olhar sobre a grande imprensa dessa época. Não conseguem, por isso, aperceber-se da inquietação que ressalta, aqui e ali, destas páginas, nem do próprio significado da tentativa que elas representam: o restabelecimento de uma verdade que, numa escala gigantesca, se procura obstinadamente falsificar e, sem dúvida, construir também, através das recordações das lutas travadas juntamente com Lenine até à vitória, a mais segura das barragens interiores contra a maré turva que tenta destruir os alicerces do edifício revolucionário. Os planos de fundo sombrios e angustiados deste pequeno livro de aparência tão clara, escapam-lhes. Ironia cruel da História que, em lugar de se degradar em farsa, como o pensava Hegel se repetiu através de uma imensa tragédia: quando Breton olha para Lenine e Trotski, a sombra de Estaline, o Thermidoriano, perfila-se já, esmagadora, atrás deles.

[Início da página](#)

---

## Notas:

(1) Ver prefácio.[\(retornar ao texto\)](#)

(2) Trotski tinha iniciado uma grande biografia de Lenine de que somente o primeiro tomo, - Juventude -, foi editado enquanto vivo e apenas na tradução francesa (Rieder, 1936, Presses Universitaires de France, 1970). Propunha-se retomar este Lenine após ter terminado o Estaline em que trabalhava ainda quando foi assassinado a 20 de Agosto de 1940.[\(retornar ao texto\)](#)

(3) Vitor SERGE, Um retrato de Lenine por Trotski, em Clarté, Junho de 1925. pg. 23.[\(retornar ao texto\)](#)

(4) Graças à amabilidade de Mme. Breton, a quem queremos apresentar aqui os nossos agradecimentos muito calorosos.[\(retornar ao texto\)](#)

(5) Entretiens, Gallimard, 1925, pgs. 119-120.[\(retornar ao texto\)](#)

(6) Artigo publicado na revista Littérature, a 1 de Maio de 1923, sob o título «Le Manifeste " est-il mort? » - e que constitui um fragmento do prefácio do Libertinage (Gallimard, 1924, pg. 17).[\(retornar ao texto\)](#)

(7) Aragon, Avez-vous déjà giflé un mort? Un cadavre foi publicado após a morte de Anatole France (Outubro de 1924); nele colaboraram Philippe Soupault, Paul Éluard, André Breton, Louis Aragon, entre os surrealistas, e Drieu La Rochelle, Joseph Delteil. Eis a frase onde figura esta expressão: «Agrada-me que o literato hoje saudado pelo tapir Maurras e por Moscovo, a senil, e, por meio de uma incrível falsificação, pelo próprio Paul Painlevé, tenha escrito para fazer dinheiro e por um instinto abjecto o mais indigno dos prefácios a um conto de Sade, que passou a sua vida na prisão para no fim receber um pontapé deste asno oficial».[\(retornar ao texto\)](#)

(8) O que é o surrealismo? (Bruxelas, R. Henriquez, edit.).[\(retornar ao texto\)](#)

(9) Ibid.[\(retornar ao texto\)](#)

(10) Inédito.[\(retornar ao texto\)](#)

(11) Entretiens. o. c., pg. 119.[\(retornar ao texto\)](#)

(12) Carta a André Breton (Inédita), Setembro de 1925.[\(retornar ao texto\)](#)

(13) Após o «Congresso Internacional para a defesa da cultura», em Junho de 1935. Ver a este propósito a declaração colectiva: No tempo em que os surrealistas tinham razão, de Agosto de 1935, que termina por estas frases:

«Embora sujeitos a provocar o furor dos seus turiferários, perguntamos se será necessário um outro balanço para, através das suas obras, julgarmos um regime da espécie do actual regime da Rússia soviética, bem como o chefe todo-poderoso, sob o qual o regime se torna a própria negação do que deveria ser e do que foi. »

«A esse regime, a esse chefe, apenas poderemos manifestar formalmente a nossa desconfiança.»[\(retornar ao texto\)](#)

(14) Discurso pronunciado no Congresso dos Escritores em Junho de 1935. [\(retornar ao texto\)](#)

(15) Declaração lida por André Breton a 3 de Setembro de 1936 na reunião: A verdade sobre o processo de Moscovo (abaixo-assinada por doze membros do grupo surrealista).[\(retornar ao texto\)](#)

(16) Declaração de André Breton a propósito dos segundos processos de Moscovo, em 26 de Janeiro de 1937.[\(retornar ao texto\)](#)

(17) Declaração de 3 de Setembro de 1936.[\(retornar ao texto\)](#)

(18) Ibid.[\(retornar ao texto\)](#)

(19) Breton relata os seus encontros em Visita a Leão Trotski. (La clé des champs. edição Pauvert, 1953. pgs. 42-54).[\(retornar ao texto\)](#)

(20) La clé des champs. o. c., pgs. 36-41. A fotografia de um fragmento do manuscrito e a nota de Breton (pg 41) provam claramente esta colaboração.[\(retornar ao texto\)](#)

(21) A expressão é de Trotski, no livro Literatura e Revolução; aí se interroga sobre o modo como a revolução pode fazer sentir a sua presença numa obra literária, afirmando que ela deveria ser o «eixo invisível.»[\(retornar ao texto\)](#)

(22) Ver também, por exemplo: «Longe de Orly» na revista surrealista Bief, nº 12, de 15 de Abril de 1960, e «A este preço» (Outubro de 1964) em Le surrealisme et la peinture (edição Gallimard, 1965, pg. 409).[\(retornar ao texto\)](#)

(23) Encontrar-se-á esta «Homenagem» na revista surrealista La Brèche, nº2, Maio de 1962, no folheto comemorativo «Natalia Sedova Trotski» (fora do comércio, Lettres Nouvelles, 1962).[\(retornar ao texto\)](#)

(24) Entretiens, o.c., pg 118.[\(retornar ao texto\)](#)

(25) Sobre todo o período que decorre entre 1923-1925, ver a biografia de Trotski por Isaac Deutscher tomo II, O profeta desarmado (trad. francesa, Juillard, 1964), cap. II e IV.[\(retornar ao texto\)](#)

26. Ver a mensagem datada de 22 de Janeiro de 1924: Lenine morreu.[\(retornar ao texto\)](#)

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)